AGRICULTURA: UMA HERANÇA PESADA

NESTE ARTIGO DE INTRODUÇÃO AO PROGNÓSTICO DA SAFRA 1980/81, FAZ-SE, PARA 6 PRODUTOS (ALGODÃO, ARROZ, FEIJÃO, MILHO, SOJA E TRIGO) UM RETROSPECTO DA EVOLUÇÃO DA PRODUÇÃO NOS ÚLTIMOS 20 ANOS QUE PERMITE DETECTAR ALGUMAS INSUFICIÊNCIAS CRÔNICAS DA OFERTA AGRÍCOLA DO PAÍS. FICA DEMONSTRADA A NECESSIDADE INADIÁVEL DE RECUPERAR A AGRICULTURA NACIONAL, ASSEGURANDO A CONTINUIDADE DA POLÍTICA DE ESTÍMULOS À AGRICULTURA.

Com as primeiras decisões governamentais relativas à safra 1980/81, a safra agrícola 1979/80 passará, gradativamente, ao segundo plano. Cercada de otimismo desde a primeira hora, ela deixa o cenário sem ter satisfeito inteiramente as expectativas que se formaram à sua volta e que lhe valeram o qualificativo de ***super-safra***.

Embora não haja como negar que a agricultura brasileira registrou, na safra passada, sensível progresso, sobretudo em relação aos 2 anos precedentes, a expectativa de que o aumento da produção resultasse numa situação de relativa abundância baseava-se num desconhecimento não só da nova dimensão alcançada pela economia brasileira em diversas frentes mas, também, das carências acumuladas em vários anos de crescimento agrícola insuficiente.

Determinar se uma safra é boa ou ruim é tarefa que só pode ser empreendida à luz da experiência passada e das necessidades sociais de um país. Sob essa ótica, a safra 1979/80 apresenta resultados conflitantes quando se analisa cada produto separadamente. O Quadro 1 compara, para 8 produtos, os resultados obtidos na safra passada, segundo as últimas estimativas da CFP, com uma produção hipotética, resultante da extrapolação, para 1980, da taxa de crescimento da produção registrada no período 1960/76. Portanto, para efeito de determinação da taxa ***histórica*** de crescimento da produção, não foram consideradas as safras 1977/78 e 1978/79, sensivelmente prejudicadas pela estiagem que afetou a região Centro-Sul.

Verifica-se que para 4 produtos (algodão, batata-inglesa, feijão e mandioca) a produção alcançada na safra 1979/80 esteve aquém do que se poderia esperar tendo em vista o ritmo de crescimento registrado no passado. É interessante constatar, ao mesmo tempo, que, no que diz respeito ao algodão, ao feijão e à mandioca, esse hiato é ainda mais preocupante, pois ocorre a despeito do fato de que as taxas de crescimento passadas são relativamente baixas. Por outro lado, no caso do arroz, do milho e, sobretudo, da soja, o volume obtido na safra passada situa-se acima do que se convenciona chamar de ***linha de tendência*** (ver gráficos por produtos a partir da página 7), configurando, portanto, um progresso em relação à situação anterior.

Mas quando se considera a demanda potencial, até mesmo as safras de arroz e milho que estão sendo comercializadas este ano podem ser consideradas insuficientes. O Quadro 2 contrasta, para 5 produtos, a produção da safra 1979/80

com uma projeção da demanda, para 1980, feita pelo Centro de Estudos Agrícolas do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getúlio Vargas no ano de 1974. Essa projeção da demanda tomou por base, para cada produto, a disponibilidade média para consumo humano do período 1966/70 e levou em consideração o crescimento demográfico e o aumento do poder aquisitivo da população(*).

Verifica-se que a demanda projetada para 1980 acha-se, em todos os casos, acima da produção registrada em 1979/80.

A maior discrepância entre demanda potencial projetada e produção efetivamente obtida ocorre no caso da mandioca, em razão da forte concorrência que este produto sofreu por parte do trigo, cujo preço subsidiado permitiu que a farinha feita com base no cereal passasse a ser consumida até mesmo por populações situadas nas regiões Norte e Nordeste do país, habituadas tradicionalmente ao consumo da raíz. A modificação substancial introduzida no preço do trigo em decorrência da criação do subsídio, que não foi prevista por ocasião da formulação das projeções apresentadas no Quadro 2, contribuiu certamente para reduzir a demanda de mandioca. Não obstante esse fato, existe evidência adicional de que uma considerável parcela da demanda potencial para a mandioca não está sendo atendida pela oferta. Isso pode ser comprovado comparando-se a evolução do preço recebido pelo produtor de mandioca com o Índice Geral de Preços, no conceito de disponibilidade interna. Tomando-se por base o ano de 1966 (1966 =100), verifica-se que, em outubro de 1979, enquanto o IGP estava em 3.087 pontos, o índice relativo ao preço recebido

(*) As taxas anuais de crescimento projetadas para o PIB e a população.

QUADRO 1

BRASIL – Produção Projetada para 1980 com Base na Tendência do Período 1960-76 e Produção Efetivamente Obtida

Produto	Produção Projetada (em t)	Produção Obtida(*) (em t)	Taxa Anual de Crescimento da Produção Projetada (em %)
Algodão	2.004.121	1.721.500	0,36
Arroz	8.761.356	9.684.000	2,68
Batata	1.931.975	1.623.537	3,07
Feijão	2.518.162	2.106.100	1,42
Mandioca	31.717.000	25.211.500	2,12
Milho	19.332.141	20.375.500	4,49
Soja	9.760.007	14.887.800	8,34
Trigo	3.007.603	3.138.200	20,02

(*) última estimativa da CFP.

QUADRO 2

BRASIL – Demanda Projetada para 1980 e Produção (Safra 1979/80) Para Alguns Produtos Selecionados (em mil t)

Produto	Demanda Projetada p/1980	Produção (Safra 1979/80)	Hiato (em %)
Arroz em casca	10.388	9.684	7,3
Milho em grão	20.419	20.375	0,2
Feijão	3.178	1.981	60,0
Batata-inglesa	2.702	1.624	66,4
Mandioca	43.772	25.211	73,6
Banana	9.071	6.171	47,0

FONTES: 1) Demanda projetada – *Projeções da Demanda e da Oferta de Produtos Agrícolas para 1975 e 1980* – Centro de Estudos Agrícolas/ IBRE/FGV – 1974
2) Produção CFP

pelo produtor de mandioca já alcançava 10.500 pontos.

Também a projeção referente ao milho merece algum reparo, embora de sentido oposto ao que foi feito no caso da mandioca. Pode-se supor que a situação do mercado de milho é menos satisfatória do que sugere o Quadro 2, tendo em vista que cresceu substancialmente, nos últimos anos, a demanda para consumo animal, fenômeno que não foi previsto por ocasião das projeções. A existência de um hiato, entre oferta e demanda de milho, maior do que o registrado no Quadro 2, explicaria, por exemplo, a necessidade de importar, esse ano, 1,2 milhão de t do produto.

Verifica-se, portanto, que, no tocante aos produtos de abastecimento interno, e a despeito do inegável progresso registrado em relação aos dois anos anteriores, a safra 1979/80 está longe de merecer o qualificativo de ***super-safra***. Na verdade, os Quadros 1 e 2 sugerem que, com relação a esses produtos, o déficit acumulado em muitos anos de crescimento insuficiente da produção só poderá ser eliminado ao cabo de várias safras bem sucedidas. Essa constatação é importante para que se criem expectativas realistas com relação à situação do abastecimento interno no próximo ano.

Neste número de ***Agroanalysis***, dedicado ao prognóstico da safra 1980/81, os técnicos do Grupo de Informação Agrícola procuram delinear os primeiros contornos da produção agrícola a ser comercializada em 1981. Dessa análise, fica a impressão de que o governo se mostra sensível, até certo ponto, à necessidade de reverter a tendência de declínio das lavouras de abastecimento interno. Para isso, vem reajustando de forma particularmente expressiva os Valores Básicos de Custeio e os preços mínimos de garantia dessas lavouras. No entanto, o exame da evolução da produção e da área colhida para cada produto, feito a seguir, sugere que, em certos casos, a utilização de instrumentos de curto prazo teria que ser acompanhada de medidas de maior profundidade para produzir resultados duráveis. Essas medidas de maior profundidade exigem, além da alocação de maiores recursos para a pesquisa agrícola, a introdução de mudanças nas políticas de distribuição de crédito subsidiado, de assistência técnica, de implementação dos projetos de colonização e de formação da mão-de-obra rural.

Os gráficos apresentados a seguir permitem visualizar as tendências da produção para 8 produtos ao longo do período 1960-76 e merecem comentários separados.

ALGODÃO

Verifica-se (Gráfico 2) que a produção de algodão entrou em fase de declínio a partir de 1972, em razão, sobretudo, de uma retração da área plantada (Gráfico 1). Essa diminuição de área ocorreu principalmente em São Paulo e afetou seriamente a produção do estado (de 708 mil t em 1970 caiu para 474 mil t em 1980) apesar da elevação registrada nos rendimentos por hectare. Para que a produção retomasse a linha de tendência expressa pela reta I (e caracterizada por uma taxa de crescimento relativamente modesta), seria preciso que o país produzisse, no ano safra 1980/81, cerca de 2.000 mil t, possibilidade bastante remota (ver prognóstico da página 13). Nesse particular, deve-se levar em conta, sobretudo, que o efeito da disseminação, entre os agricultores, de variedades mais produtivas (IAC-17 e IAC-18), que resultou em expressivo crescimento da produção na última safra, já se manifestou quase integralmente.

ARROZ

Embora pontuada por alguns anos de ocorrência climática particularmente desfavorável (como aconteceu, por exemplo, nas safras 1977/78 e 1978/79) a série histórica da produção de arroz tem mostrado tendência regular de crescimento, ainda que em ritmo lento. No Sul, sobretudo, onde os rendimentos por hectare situam-se acima da média nacional, a área plantada com arroz vem diminuindo. Na safra passada, no entanto, houve expansão de área nessa região e é fundamental para o abastecimento interno de arroz que essa tendência seja estimulada. O fato de a produção da safra 1979/80 ter se alçado acima da linha de tendência não deve representar fator de excessivo otimismo. Há razões para acreditar que a demanda potencial para o arroz é maior do que as estimativas oficiais e deverá crescer ainda mais caso o subsídio do trigo seja retirado ou reduzido substancialmente.

FEIJÃO

A evolução da produção de feijão é a que melhor caracteriza a urgente necessidade de recuperar algumas culturas de abastecimento interno. A partir de 1972, houve forte inversão da tendência de produção, perfeitamente configurada pela distância que separa as retas I e II no gráfico 6. Na safra 1979/80, o governo procurou estimular fortemente o plantio do feijão mas os resultados dessa iniciativa foram frustrados, entre outros fatores, por condições climáticas extremamente adversas. A situação da lavoura feijoeira ilustra bastante bem, por isso mesmo, a necessidade de uma ação em profundidade, destinada a mudar radicalmente as condições em que se processa a exploração de determinadas culturas no país. Apesar dos repetidos tabelamentos do preço do feijão, a nível do varejo, a remuneração do produtor cresceu substancialmente, em termos reais, no período 1966-1979. Em resposta a esse estímulo de mercado, a área colhida com feijão tem mostrado tendência a um crescimento contínuo. Não obstante este fato, a queda acentuada dos rendimentos por hectare anulou por inteiro o esforço dos agricultores no sentido de expandir a produção. São várias as razões sócio-econômicas dessa diminuição da produtividade, mas todas elas resultam no uso reduzido de sementes melhoradas e insumos modernos pelos agricultores e no deslocamento da lavoura para áreas marginais onde é menor a fertilidade do solo. A modificação desse quadro exige, portanto, uma atuação direta e permanente da assistência técnica e dos órgãos de pesquisa agrícola junto aos produtores de feijão.

MILHO

A taxa de crescimento da produção de milho no período 1960-76 (4,5% ao ano) mostra-se superior ao ritmo de expansão registrado por outras culturas de abastecimento interno como o feijão, a mandioca e o arroz. Não obstante esse fato, têm havido problemas no abastecimento interno de milho. A explicação para esse descompasso entre oferta e demanda reside no rápido crescimento do consumo animal de milho. Segundo estimativas preliminares, o consumo de rações pela avicultura de corte cresceu cerca de 21% no primeiro semestre de 1980, em relação a idêntido período do ano passado. E a avicultura em geral, teria expandido sua demanda em 16%. Também a suinocultura nacional vem pressionando a oferta interna de milho: estima-se que a demanda de rações por parte desse setor esteja crescendo ao ritmo de 22% este ano. Sendo assim, as perspectivas de regularização do abastecimento a curto prazo são bastante remotas. O prognóstico da página 35, prevê que a demanda de milho, em 1981, poderá situar-se entre 22,5 e 23,0 milhões de t. Caso o governo persiga efetivamente o objetivo de substituir por milho cerca de 25% da farinha de trigo em uso na panificação e decida constituir estoques de 1 milhão de t, a demanda total para o produto poderá atingir 26 milhões de t. À primeira vista, o setor produtivo não tem condições de dar um salto desta ordem.

SOJA

A expansão da lavoura de soja, nos últimos 15 anos, revestiu-se de caráter tão espetacular que é difícil imaginar que a produção possa continuar crescendo no mesmo ritmo registrado no passado. O gráfico relativo à evolução da produção mostra claramente a aceleração verificada a partir de 1969 (reta II). Para o futuro, espera-se uma queda no ritmo de crescimento em função, sobretudo, de dois fatores: 1) acirramento da concorrência no mercado mundial; e 2) menor disponibilidade de terras nos estados do Sul do país.

Na safra 1980/81, estima-se que a área plantada com soja nos estados do Sul deverá permanecer inalterada, enquanto no Centro-Oeste deverá ocorrer forte expansão, em razão do menor custo das terras e da menor necessidade, num primeiro momento, de despesas com insumos. Ainda assim, é possível que a produção do próximo ano atinja o volume de 16 milhões de t, quase 8% a mais do que em 1980.

TRIGO

Marcada por fortes flutuações, a produção de trigo no Brasil, tem mostrado, no entanto, tendência a um crescimento relativamente rápido. A demanda, todavia, fustigada por um subsídio que foi crescendo de vulto, expandiu-se em ritmo ainda mais forte, comprometendo seriamente o objetivo inicial de auto-suficiência.

Em 1979, o comportamento negativo do clima impediu que a substancial expansão da área plantada resultasse em crescimento expressivo da produção. Eis aí, na realidade, o problema mais sério a ser enfrentado pela produção de trigo no Brasil. Observando-se uma série histórica das produtividades de trigo no país, entre 1962 e 1979, apenas em três períodos os rendimentos médios por hectare ultrapassaram os 1.000 kg, patamar relativamente baixo, se comparado à produtividade obtida nos demais países produtores.

O prognóstico da página , acena com a possibilidade de que, no futuro, a cultura do trigo se desenvolva no Brasil Central, onde são menores os riscos para o produtor. Por enquanto, contudo, o país está condenado à dependência das importações: a produção de trigo, em 1980, deverá alcançar 3 milhões de t, enquanto o consumo previsto é de 6,6 milhões de t.

A análise das perspectivas da produção e do consumo, que foi feita para vários produtos, serviu para demonstrar, caso ainda fosse preciso, a inadiável necessidade de recuperar a agricultura nacional. A safra 1979/80 deve ser considerada, apenas, como um impulso inicial. Para que os resultados sejam duradouros, é indispensável assegurar a continuidade da política de estímulos à agricultura.

GRÁFICO 1 *BRASIL — Algodão — Área Colhida no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Área Colhida no Período 1960-76*

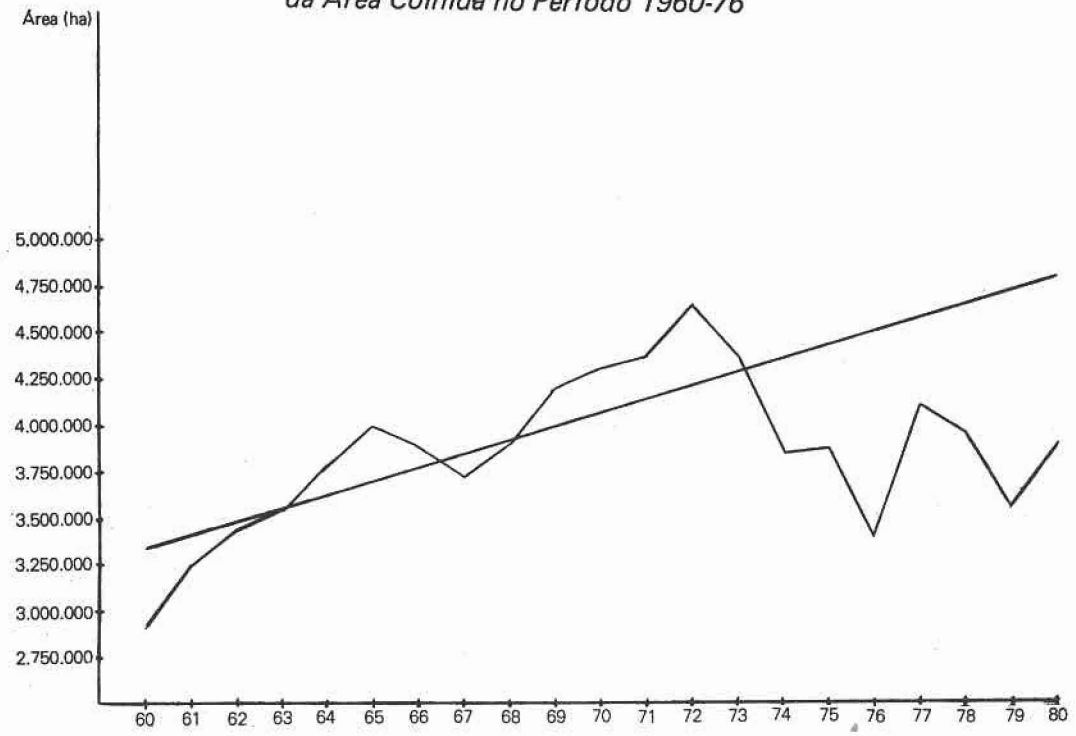
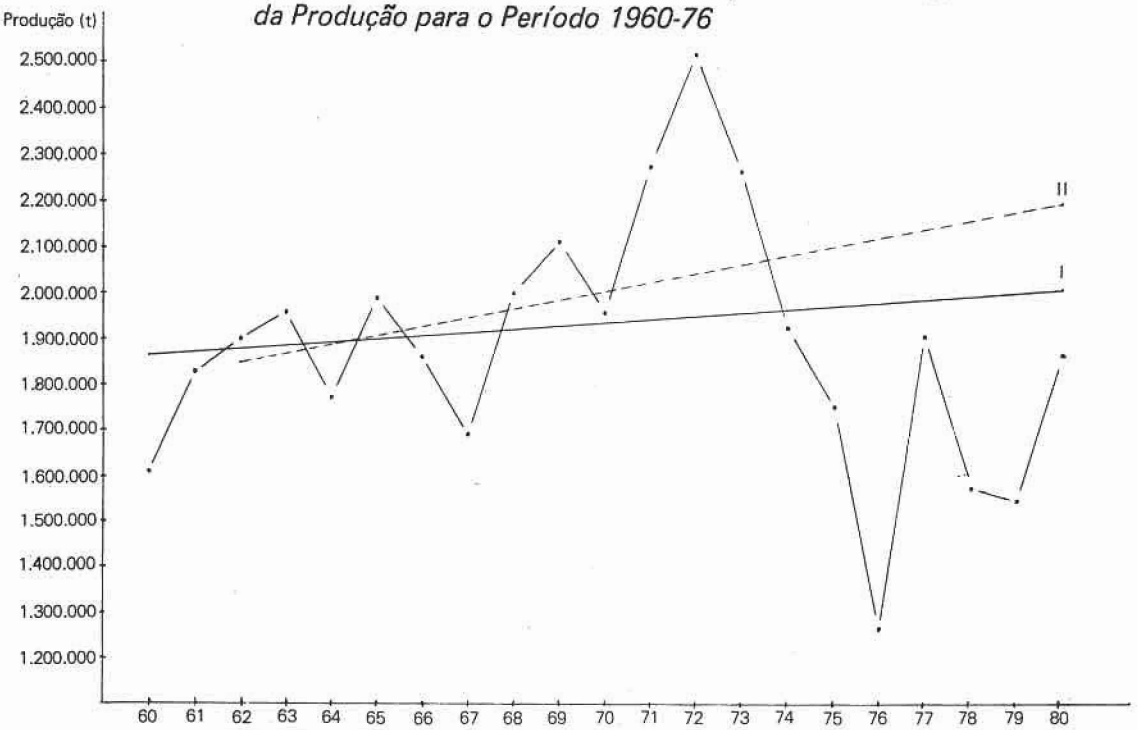


GRÁFICO 2 *BRASIL — Produção de Algodão no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Produção para o Período 1960-76*



NOTA: A reta I foi ajustada para o período 1960-76 e a reta II, para o mesmo período, utilizando-se médias móveis trienais.

GRÁFICO 3 *BRASIL — Arroz — Área Colhida no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Área Colhida no Período 1960-76*

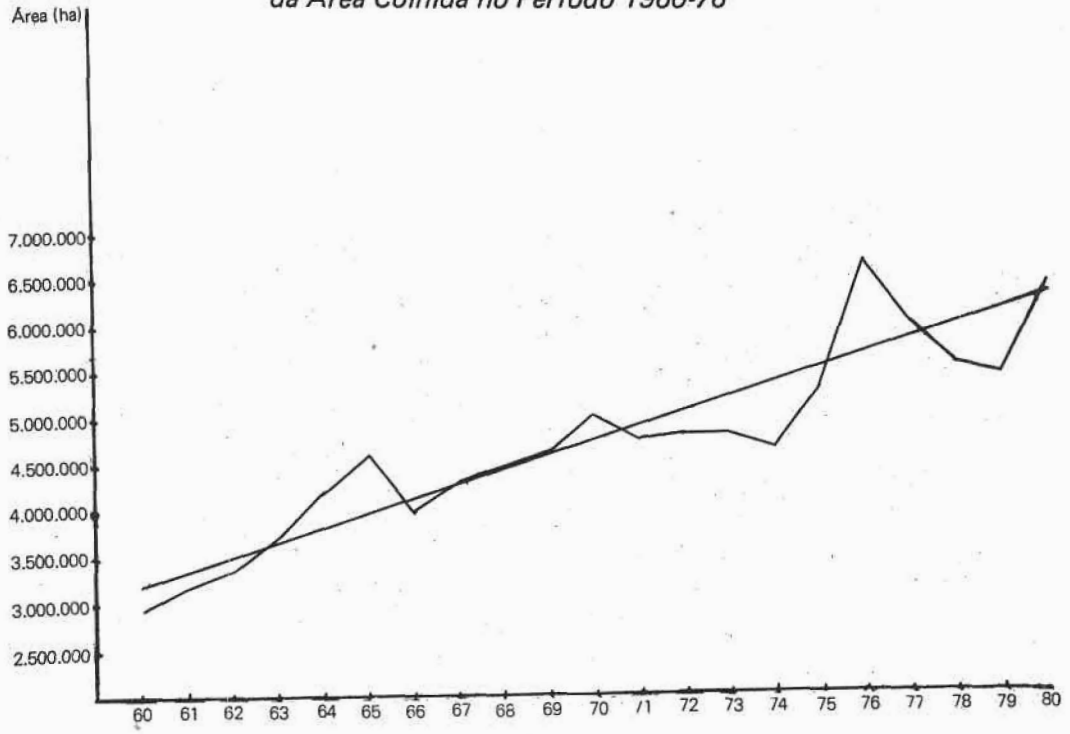


GRÁFICO 4 *BRASIL — Produção de Arroz no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Produção para o Período 1960-76*

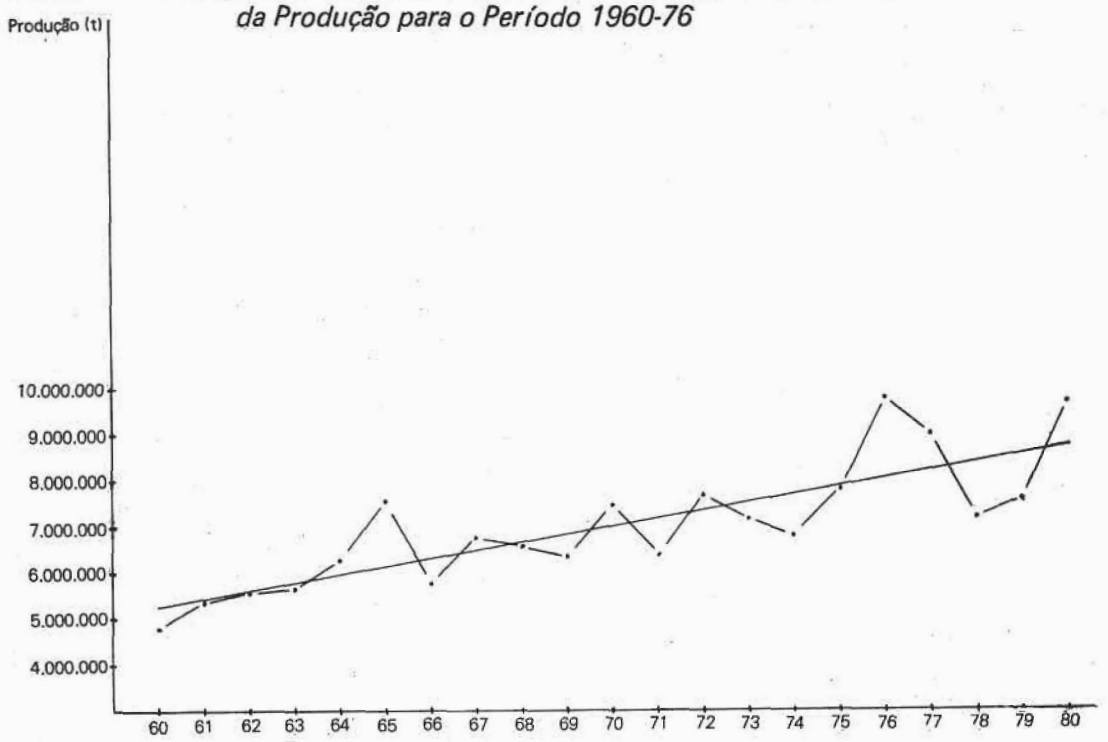


GRÁFICO 5 *BRASIL – Feijão – Área Colhida no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Área Colhida no Período 1960-76*

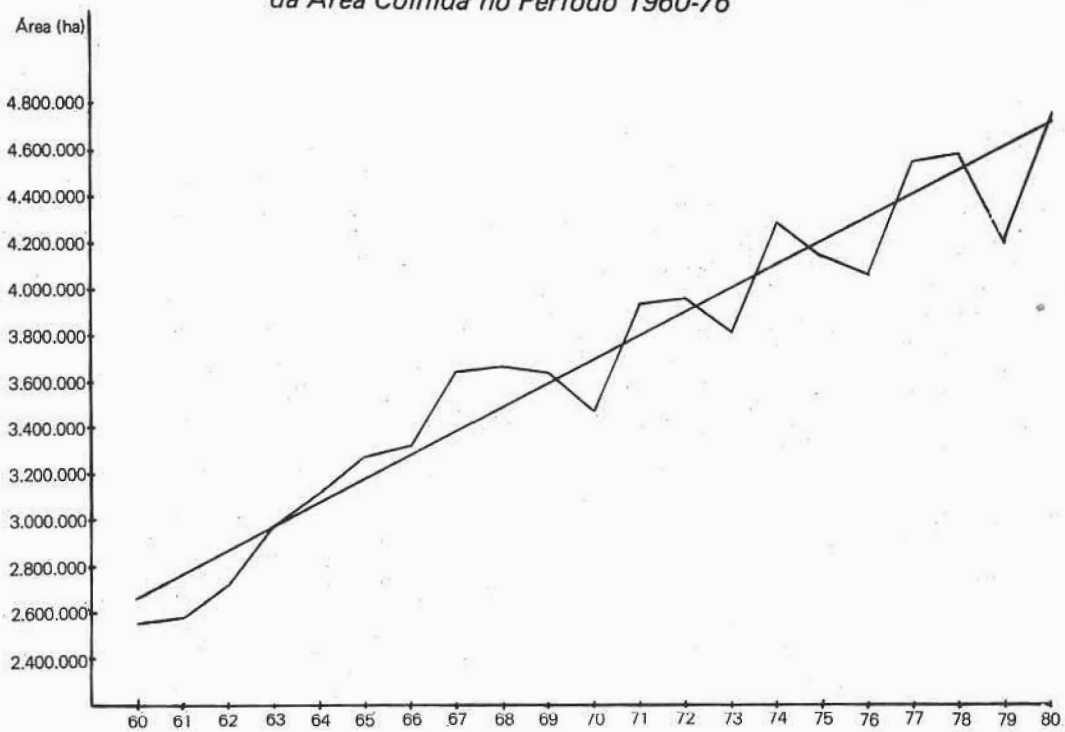
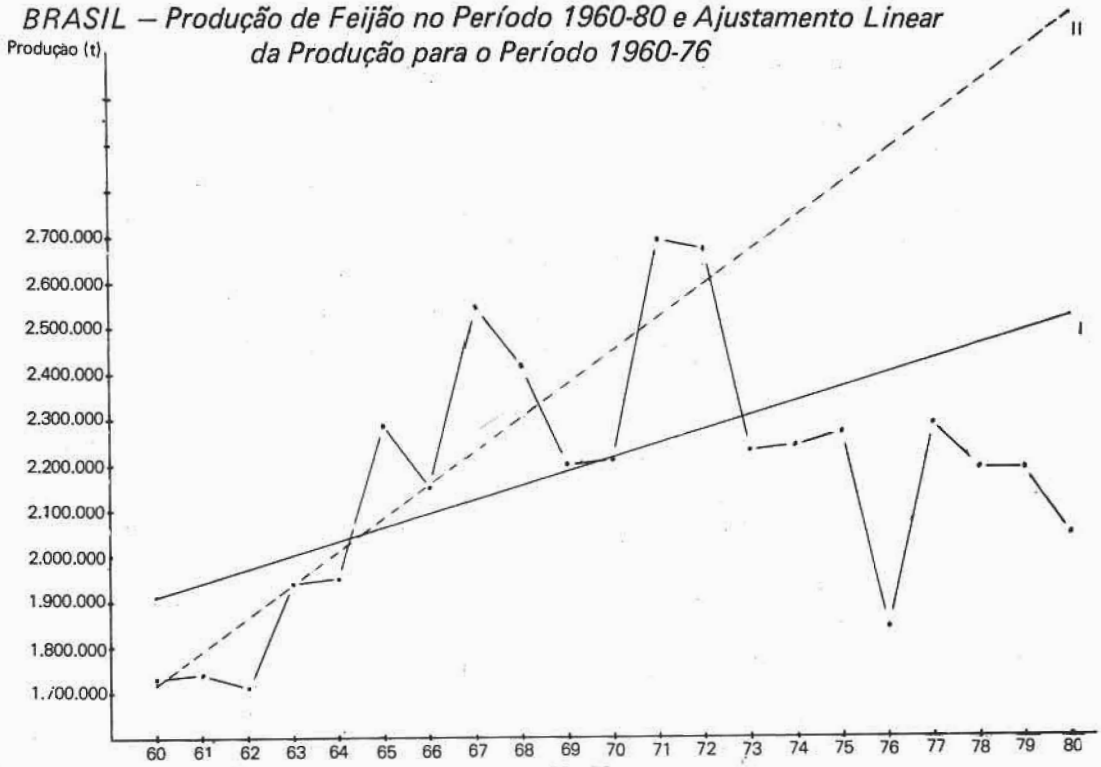


GRÁFICO 6 *BRASIL – Produção de Feijão no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Produção para o Período 1960-76*



NOTA: A reta I foi ajustada para o período 1960-76 e a reta II para o período 1960-72.

GRÁFICO 7 *BRASIL – Milho em Grão – Área Colhida no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Área Colhida no Período 1960-76*

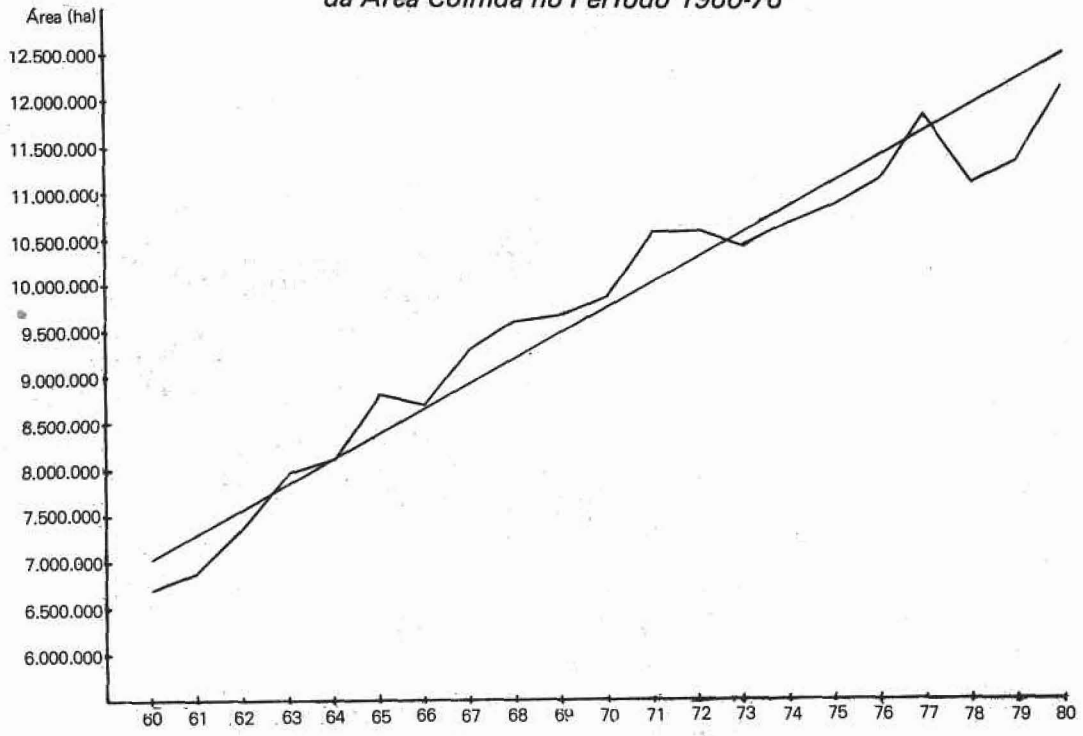


GRÁFICO 8 *BRASIL – Produção de Milho no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Produção para o Período 1960-76*

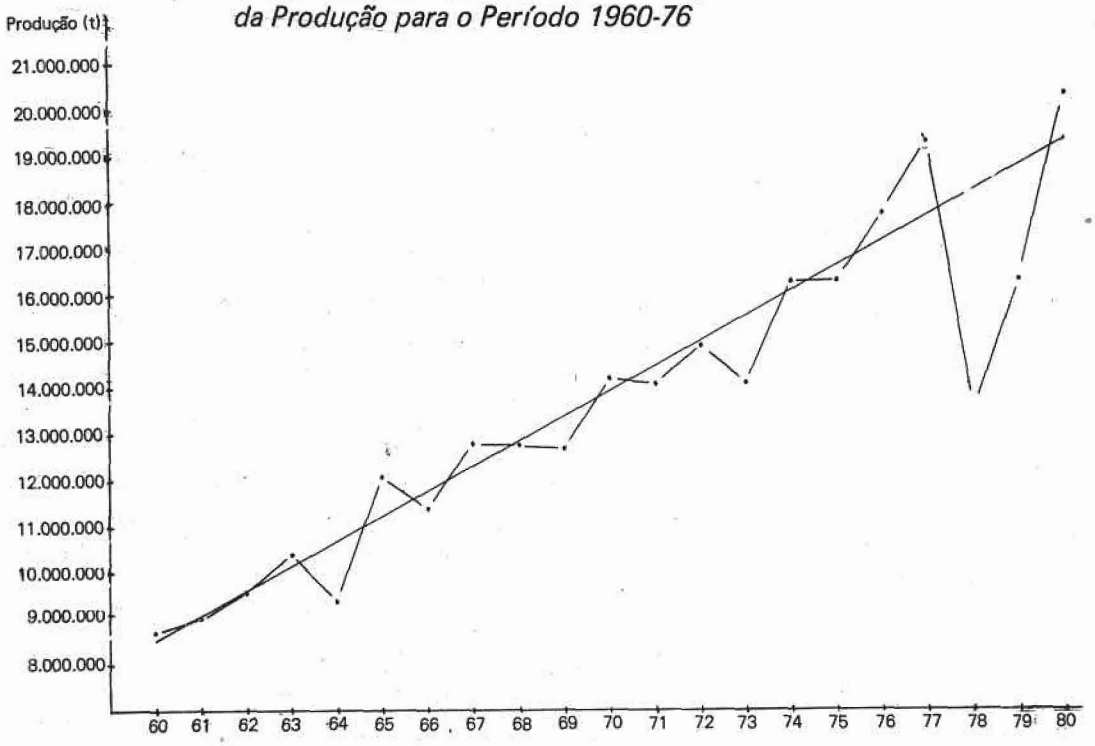


GRÁFICO 9 *BRASIL — Soja — Área Colhida no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Área Colhida no Período 1960-76*

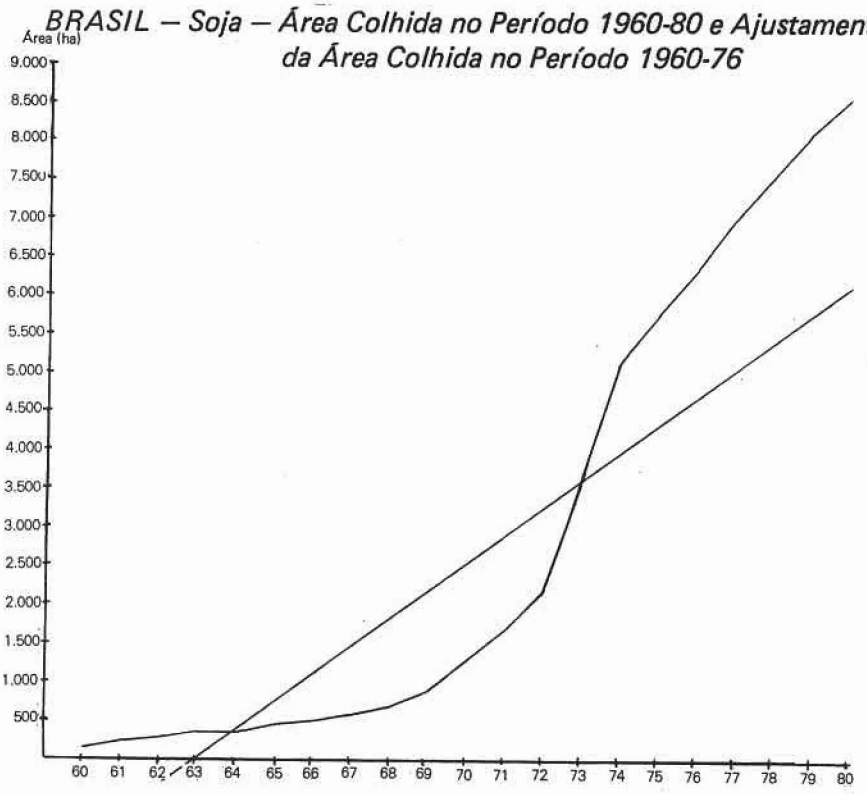
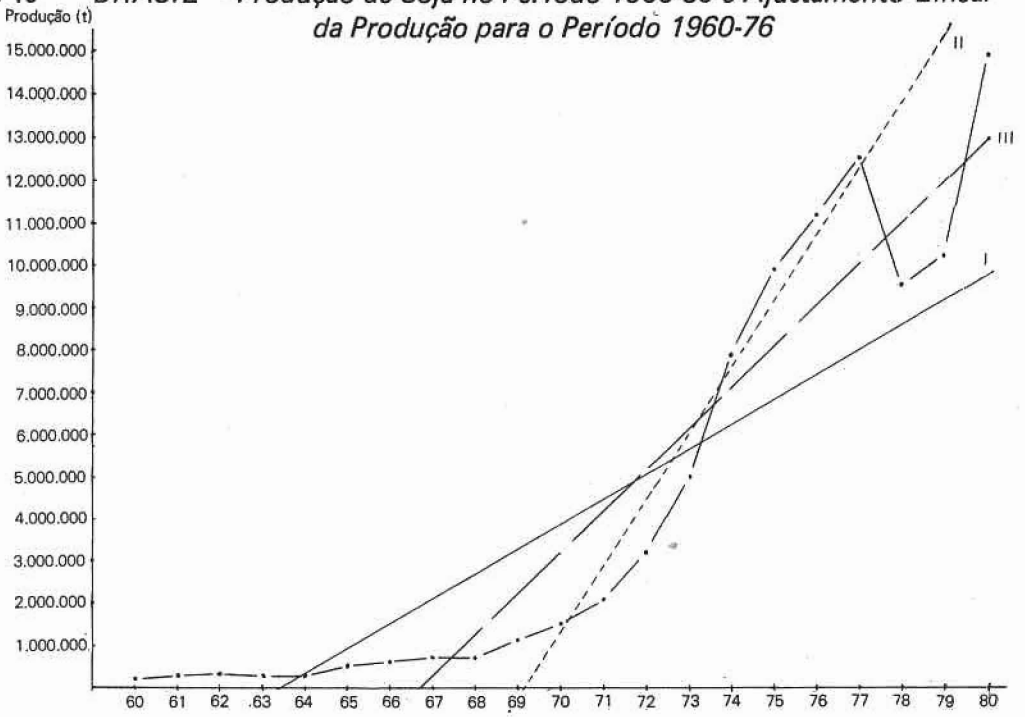


GRÁFICO 10 *BRASIL — Produção de Soja no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Produção para o Período 1960-76*



NOTA: A reta I foi ajustada para o período 1960-76; a reta II para o período 1969-76 e a reta III para o período 1965-76.

GRÁFICO 11 *BRASIL — Trigo — Área Colhida no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Área Colhida no Período 1960-76*

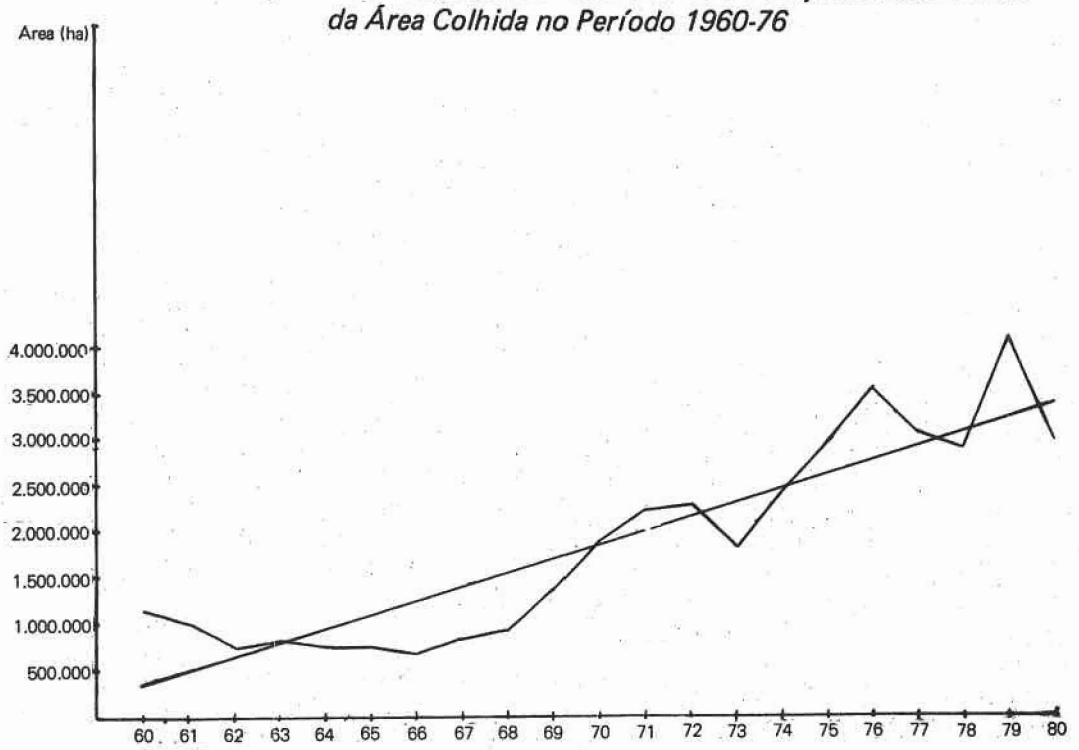


GRÁFICO 12 *BRASIL — Produção de Trigo no Período 1960-80 e Ajustamento Linear da Produção para o Período 1960-76*

